

NARRATIVAS MATERNAS NOS RETRATOS FEMININOS E AFRO-BRASILEIROS DE CHICA DA SILVA

Ester Estevão da Silva

(Universidade Federal de Campina Grande)

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este artigo investiga as representações da maternidade e do corpo da figura histórica de Francisca da Silva de Oliveira, conhecida como Chica da Silva, em obras de autoria feminina e afro-brasileira. Com base em produções literárias afro-brasileiras, como <i>Chica da Silva – A Mulher que Inventou o Mar</i> (2001), de Lia Vieira, e <i>Chica da Silva – Romance de uma Vida</i> (2016), de Joyce Ribeiro, além da obra historiográfica <i>Chica da Silva e o Contratador de Diamantes: O Outro Lado do Mito</i> (2003), de Júnia Furtado, o estudo destaca a desconstrução de narrativas tradicionais que reduziram Chica a estereótipos erotizados e desumanizadores. A análise revela que essas obras reconstruem Chica da Silva como uma mulher complexa, atenta à maternidade e engajada em ressignificar seu papel na elite mineira do século XVIII, rompendo com os limites do racismo e da misoginia.</p> <p>A abordagem destaca a centralidade da maternidade na construção de sua identidade e evidencia como a literatura negro-feminina e a historiografia crítica ampliam os horizontes das narrativas afrodescendentes, promovendo uma visão plural e humanizadora da mulher negra no Brasil colonial.</p>	<p>This article investigates the representations of motherhood and the body of the historical figure Francisca da Silva de Oliveira, known as Chica da Silva, in works by Afro-Brazilian women. Based on Afro-Brazilian literary productions, such as <i>Chica da Silva - A Mulher que Inventou o Mar</i> (2001), by Lia Vieira, and <i>Chica da Silva - Romance de uma Vida</i> (2016), by Joyce Ribeiro, as well as the historiographical work <i>Chica da Silva e o Contratador de Diamantes: The Other Side of the Myth</i> (2003), by Júnia Furtado, the study highlights the deconstruction of traditional narratives that have reduced Chica to eroticized and dehumanizing stereotypes. The analysis reveals that these works reconstruct Chica da Silva as a complex woman, attentive to motherhood and engaged in reframing her role in the 18th century mining elite, breaking with the limits of racism and misogyny.</p> <p>The approach highlights the centrality of motherhood in the construction of her identity and shows how black-female literature and critical historiography broaden the horizons of Afro-descendant narratives, promoting a plural and humanizing vision of black women in colonial Brazil.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Chica da Silva; Maternidade negra; Literatura afro-brasileira; Escrita feminina.	Chica da Silva; Black motherhood; Afro-Brazilian literature; Women's writing.

INTRODUÇÃO

O legado do período escravocrata no Brasil reforçou a negação da maternidade plena às mulheres negras, subjugadas ao papel de "corpos utilitários" em uma estrutura que lhes desumanizava. bell hooks (1995) destaca que, sob o regime da escravidão, os corpos das mulheres negras eram reduzidos a instrumentos de reprodução, enquanto Lélia Gonzalez (1984) evidencia estereótipos que marginalizavam suas identidades e

experiências, como os das figuras da "mulata" e da "mãe preta". Ambos refletem a impossibilidade ou invisibilidade da maternidade real para essas mulheres. Como aponta Fabiana Carneiro da Silva (2018), a construção da "mulata" como uma figura estéril e a invisibilidade do vínculo materno da "mãe preta" reforçam a negação do direito à maternidade.

Conceição Evaristo (2005) complementa esse debate ao ressaltar que a literatura brasileira tradicional perpetua essas representações, ancoradas em imaginários escravocratas, onde o corpo da mulher negra é definido como objeto de reprodução ou prazer. Nesse contexto, a literatura afro-brasileira surge como um espaço de resistência, resignificando essas narrativas e conferindo às mulheres negras uma identidade humanizada.

Chica da Silva é uma figura central nesse processo de resignificação. Mulher negra alforriada e protagonista de uma trajetória singular no Brasil Colônia, ela ocupou uma posição de destaque na elite mineira durante o Ciclo dos Diamantes. No entanto, sua imagem foi amplamente distorcida pela lente eurocêntrica em narrativas literárias e cinematográficas, frequentemente erotizadas e despojadas de sua complexidade histórica. Sua primeira representação literária ocorre na obra *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio* (1868), de Joaquim Felício dos Santos, que descreve sua vida no contexto da mineração do século XVIII.

A notoriedade de Chica da Silva cresceu com o filme *Xica da Silva* (1976), de Cacá Diegues, e o romance homônimo de João Felício dos Santos, também de 1976. Embora tenham popularizado sua história, ambas as obras reforçaram os estereótipos sobre a figura da mulher negra, destacando aspectos de erotismo e exotismo, ao invés de sua agência histórica. Essa abordagem evidencia a necessidade de reavaliar representações como as de Chica da Silva, tanto para desconstruir visões distorcidas quanto para celebrar sua humanidade, sua maternidade e sua luta por um lugar de protagonismo na sociedade colonial.

Diante dessa premissa, temos por objetivo investigar as representações da maternidade associadas à figura histórica de Francisca da Silva de Oliveira, conhecida como Chica da Silva, em obras de autoria feminina. Para isso, além de apresentar as representações do corpo e da maternidade de Chica da Silva na literatura e na produção memorialística brasileira — por muito tempo consideradas versões oficiais sobre a personagem —, analisamos as obras negro-femininas *Chica da Silva — A Mulher que Inventou o Mar*, de Lia Vieira (2001), e *Chica da Silva — Romance de uma Vida*, de Joyce Ribeiro (2016), bem como a obra historiográfica *Chica da Silva e o Contratador de Diamantes: O Outro Lado do Mito* (2003), de Júnia Furtado. Embora de autoria branca, esta última é relevante

por oferecer uma importante desconstrução historiográfica dos estereótipos que cercam a figura de Chica da Silva, contribuindo para uma análise mais crítica e documental sobre sua representação.

1 FRANCISCA DA SILVA DE OLIVEIRA

Francisca da Silva de Oliveira, mais conhecida como Chica da Silva, foi uma mulher negra que nasceu no Arraial do Milho Verde entre 1731 e 1735. Fruto de um abuso sexual, como era comum àquela época, Chica da Silva era filha do português, capitão das ordenanças, Antônio Caetano de Sá e da africana Maria da Costa, escravizada de Antônio, trazida da Costa da Mina.

Nascida escravizada, não foi reconhecida como filha do oficial militar e, portanto, não foi alforriada. Francisca foi vendida, ainda jovem, ao médico Manuel Pires Sardinha, habitante de Diamantina, na época chamado Arraial do Tijuco.

Predestinada a um destino similar ao de sua mãe (e a de tantas outras escravizadas), Chica da Silva foi abusada por Manuel Pires, ato que resultou na gestação, e posterior nascimento, em 1751, de Simão Pires Sardinha. O primogênito de Francisca da Silva nasceu escravizado, não herdou o nome do pai em registro, tendo sido liberto na pia batismal, como era o costume na época.

Pouco tempo depois, em meados de 1753, Chica da Silva foi vendida ao contratador de diamantes, João Fernandes de Oliveira. Quase que de imediato, junto ao novo proprietário, Francisca da Silva foi alforriada, passou a viver maritalmente com aquele que era um dos homens mais poderosos da colônia portuguesa e adquiriu o sobrenome Oliveira.

Até então registrada como Francisca Parda durante o período em que esteve escravizada, ela adotou o nome Francisca da Silva de Oliveira após sua alforria, passando a assiná-lo oficialmente. Chica da Silva tornara-se, assim, uma das mulheres mais ricas e influentes da região diamantina e do Brasil Colonial do século XVIII.

Graças a essa relação, Chica da Silva teve a oportunidade de redefinir o destino de sua prole e ascender socialmente. Ao manter um relacionamento público com um homem influente, ela buscou integrar-se aos círculos da elite colonial mineira, da qual passou a fazer parte. Para consolidar essa posição, assim como os demais membros da classe mais rica de Minas Gerais, Chica da Silva acumulou inúmeras propriedades e possuía um grande número de escravizados, dos quais poucos foram alforriados. Além disso, participou ativamente de irmandades religiosas, incluindo algumas exclusivas à elite

branca, uma vez que o envolvimento em atividades da Igreja fazia parte do protocolo social das mulheres da época.

O relacionamento entre Chica da Silva e João Fernandes durou dezessete anos, entre 1753 e 1770, período em que o contratador viveu no Tijuco. Ao logo desse período, mantiveram uma relação estável, que lhes rendeu um total de treze filhos, sendo quatro meninos e nove meninas. A relação do casal teve fim apenas em 1770, quando João Fernandes teve que voltar a Portugal para resolver questões sobre o falecimento de seu pai. Nessa viagem, João Fernandes levou consigo os quatro filhos do casal e Simão Pires Sardinha, o primogênito de Chica da Silva. Chegando em Coimbra, Portugal, todos os rapazes tiveram acesso a uma educação renomada.

As filhas do casal, por sua vez, permaneceram com a mãe na região diamantina, a qual se responsabilizou por garantir a melhor educação possível para as moças. As moças foram educadas no melhor educandário da região, lugar exclusivo para as filhas da elite mineira. Isso só foi possível porque João Fernandes, antes de partir a Portugal, garantiu que haveria recursos financeiros suficientes para que Chica e suas filhas mantivessem uma vida confortável em sua ausência.

Francisca da Silva de Oliveira faleceu em 15 de fevereiro de 1796, tendo sido enterrada na Igreja de São Francisco de Assis, local reservado exclusivamente para pessoas brancas e ricas. Tal fato evidencia o grau de interação social conquistada pela Rainha do Tijuco, apesar de haver indícios que apontam determinados impasses para a aceitação social de Chica da Silva na época.

2 OS ESTEREÓTIPOS E A MATERNIDADE NEGRA DE XICA DA SILVA NOS ESCRITOS DOS FELÍCIOS DOS SANTOS

A trajetória de Chica da Silva foi sedimentada pela historiografia como única. As conquistas e a ascensão social de uma ex-escravizada, que alcançou posições de destaque na elite mineira em pleno período colonial, foram registradas como uma exceção à regra. Em uma sociedade onde a escravidão relegava as mulheres negras ao universo da desclassificação, a imagem predominante era de que essas mulheres viviam reclusas nas senzalas, parindo filhos ilegítimos, muitos deles mulatos. Chica, no entanto, desviou-se desse destino imposto às mulheres de sua raça. Sua história, marcada pela ruptura com as expectativas sociais, despertava sentimentos contraditórios nos cronistas: era vista como bruxa, sedutora, perdulária e megera, mas também como redentora e salvadora de seu povo.

Entretanto, a figura de uma concubina forra na elite colonial não era exclusiva de Chica da Silva. Essa realidade era, de fato, bastante comum na elite mineira do século XVIII. Ao revisitar obras memoriais e historiográficas, Furtado (2003) observa que nem mesmo os relatos de viajantes que percorreram a região dos diamantes no início do século XIX atribuíram grande relevância à ex-escravizada que se tornou companheira do contratador de diamantes. Para eles, a vida de Chica se assemelhava à de muitas outras negras forras que viveram em concubinato com homens brancos, não sendo considerada peculiar nem digna de destaque.

Desde seu falecimento, em 1796, a memória de Francisca da Silva de Oliveira manteve-se restrita à oralidade, habitando o imaginário dos moradores de Diamantina por mais de um século. Os episódios destacados em sua vida foram transmitidos por conversas populares, sustentadas pela volatilidade da tradição oral. Foi apenas em meados do século XIX que a figura de Chica da Silva começou a ser considerada digna de registro histórico. Em 1868, um século após sua morte, a história da Rainha do Tijuco foi inserida por escrito na obra *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio*, de Joaquim Felício dos Santos, consolidando sua existência na literatura memorialista.

O livro historiográfico surgiu a partir de uma coletânea de escritos publicados por Joaquim Felício no jornal diamantinense *O Jequitinhonha*. Em seus registros, o autor tinha por intuito divulgar a história regional que escrevera durante anos. Portanto, para além da cronologia administrativa, legislativa e dos acontecimentos que envolveram a exploração mineradora daquelas terras, a obra faz menção às narrativas da história social do distrito, como o capítulo XV, no qual temos acesso à história de Xica da Silva¹.

Conforme Furtado (2003), foi por meio dos processos de repartição de bens e de ações de posse no âmbito judicial que o advogado, jornalista e considerado o “primeiro historiador da região dos diamantes” (Furtado, 2008, p. 83), teve acesso a informações fundamentais durante sua atuação na defesa dos interesses dos familiares de Chica da Silva. Esses processos forneceram “[...] material inusitado para compor sua crônica colonial [...]”, publicado em capítulos no jornal local *O Jequitinhonha* entre os anos de 1862 e 1864 (Furtado, 2003, p. 265).

Foi a partir disso que a história de Chica da Silva, há mais de 100 anos (r)existente apenas na oralidade local, ganhou forma em registros escritos. A história sobre a ex-escravizada mais poderosa do Brasil Colonial foi registrada a partir dos testemunhos oralizados e das histórias contadas que ainda permeavam o imaginário dos moradores mais velhos do local. Por ser este o primeiro registro escrito sobre tal figura histórica,

¹ Xica da Silva (com xis), é como ela é grafada na obra.

tornou-se a versão tida como oficial dos acontecimentos e que serviu de base para tantas outras narrativas elaboradas a seu respeito.

Ainda que Joaquim Felício dos Santos tenha sido um dos primeiros a incluir Chica da Silva no âmbito da história oficial, sua representação foi moldada pelos valores e preconceitos do século XIX. Diferentemente dos homens escravos ou libertos descritos em *Memórias do Distrito Diamantino* como heróis ou mártires, a figura de Chica foi reinterpretada sob uma ótica eurocêntrica e cristã, que predominava no Brasil oitocentista. Como destaca Júnia Furtado, “imperavam os preconceitos contra ex-escravos, mulheres de cor e uniões consensuais” (2003, p. 266), valores que influenciaram profundamente a construção narrativa de Felício.

Para os homens da época, as escravizadas eram mulheres sensuais e libertinas, com as quais era impossível manter laços afetivos estáveis. Diante disso, a partir da publicação de *Memórias*, Chica da Silva passou a personificar o estereótipo da mulher negra e escrava, tornando-se assim, apesar de negativa, uma lenda (Furtado, 2003).

Segundo Furtado (2003), Joaquim Felício dos Santos, como membro da elite branca mineira preconceituosa do século XIX, não foi capaz de compreender ou admitir a atratividade exercida pelas mulheres de corpo. Refletindo os padrões estéticos e culturais eurocêntricos de sua época, o autor retratou Chica da Silva como uma mulata de baixo nascimento, desprovida de qualidades que justificavam a paixão despertada no contratador. Descreveu-a com “feições grosseiras”, “corpulentas” e sem “graças ou beleza”, reafirmando os preconceitos raciais e de gênero que permeavam sua narrativa:

Tinha as feições grosseiras, altas, corpulentas, trazia a cabeça rapada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes, como então se usava; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía, não tinha educação, enfim, não possuía atrativos que poderiam causar uma forte paixão (Santos, 1868, p. 144).

Sobre a maternidade de Chica da Silva, registros históricos indicam que, de sua união com João Fernandes, frutificou treze filhos. Além destes, os registros nos revelam a existência de mais um, o primogênito de Chica, fruto de um abuso sofrido enquanto escravizada por Manuel Pires Sardinha. Entretanto, a obra historiográfica de Joaquim Felício revela que “[...] quando João Fernandes tomou-a por amante, já ela tinha tido dois filhos” (Santos, 1868, p. 144), indicando a possível existência de um segundo filho, nascido ainda enquanto escravizada.

A obra que se aprofunda ao narrar sobre o sucesso que tivera o “celebre Dr. Simão Pires Sardinha, com cuja educação despendeu uma soma fabulosa” (Santos, 1868, p. 144),

ignora por completo “qual fôra o outro filho de Francisca da Silva, e que destino tivera” (Santos, 1868, p. 145). Desta suposta gestação, não se sabe quem foi o pai, nem o nome da criança e nem que rumo teve a sua existência. *Memórias* (1868) não cita, também, a maternidade dos filhos de João Fernandes.

Apenas na menção dos herdeiros que sucederam à herança do Morgado de Grijó aparecem os nomes de Antônio Caetano Fernandes de Oliveira e Joaquim Luiz Fernandes de Oliveira como descendência legítima de João Fernandes de Oliveira. Contudo, não há qualquer referência à filiação com Francisca da Silva de Oliveira, e nem mesmo o sobrenome remete à ligação com Chica da Silva.

A ausência de Chica da Silva nos registros da linhagem de João Fernandes não é apenas um esquecimento, mas um movimento deliberado para apagar sua maternidade e, conseqüentemente, sua identidade. Segundo Júnia Furtado (2003), essa omissão visava evitar a perpetuação dos estigmas raciais e sociais associados à sua origem como escravizada, garantindo que a figura de Chica fosse dissociada de qualquer vínculo com os descendentes legítimos de João Fernandes. A autora argumenta:

[...] Numa sociedade em que essas “marcas” foram transmitidas por gerações e a linhagem constituiu elemento fundamental de identificação social, o registro de tais condições no menor número possível de documentos oficiais era a única forma de minimizar o que era considerado uma desvantagem. Esperava-se que, com o tempo, a lembrança daquelas máculas fosse apagada (Furtado, 2003, p. 24).

Assim, a produção de documentos oficiais que associassem um pai branco e honrado a uma mulher mestiça e forra seria considerada desvantajosa para a descendência. Em uma sociedade em que o acesso a cargos ou honrarias dependia de investigações sobre a linhagem, a escassez de registros sobre Chica e a lacuna nas informações contribuíam para ocultar sua condição social inferior, favorecendo a construção de uma memória social menos estigmatizada para seus filhos.

Portanto, desde seu primeiro registro histórico escrito, não se faz referência à versão materna de Xica da Silva. Além disso, o sucesso de seu primogênito, o único citado em vínculo com sua mãe, é atribuído à boa educação recebida, não por ela, mas por João Fernandes. No entanto, não são mencionados atributos positivos ou características maternas relacionadas ao corpo e ao comportamento de Xica da Silva na obra de Joaquim Felício dos Santos.

A construção de Chica da Silva como uma personagem histórica ativa, capaz de moldar seu próprio destino, torna-se ainda mais significativa quando contextualizada em

uma sociedade patriarcal do século XIX. Sua ascensão, como mulher negra e ex-escravizada, em um sistema que se aproximava de um matriarcado, desafiava as normas e os preconceitos das classes dominantes. Sua trajetória, que representava uma ameaça direta à ordem social vigente, incomodava profundamente aqueles que buscavam preservar as estruturas de poder de sua época. Nesse contexto, a representação de Chica da Silva elaborada por Joaquim Felício dos Santos, que se consolidou ao longo do tempo como a versão oficial dos fatos, vai além de um mero registro histórico. Ela reflete, na verdade, as inquietações das elites brancas do Brasil colonial diante da ascensão de uma mulher negra, ex-escravizada, capaz de subverter as estruturas sociais e desafiar os estigmas de sua origem. Ao silenciar sua maternidade e minimizar sua influência, essa narrativa procura apagar a autonomia e a força de uma mulher que, ao quebrar as convenções da época, desafiava as normas estabelecidas. Para Furtado (2003), é dessa forma que surge o mito de uma Chica da Silva retratada com atributos lascivos e selvagens, construída a partir da incapacidade da sociedade brasileira do século XIX de compreender ou ordenar a existência histórica de uma figura como Chica da Silva no contexto do século XVIII.

A historiografia posterior a Joaquim Felício dos Santos, pouco modificou a visão construída por ele. Utilizando a memória oral da cidade e tomando como parâmetro as Memórias, os escritos da elite intelectual local fortaleceram o mito, promovendo sua releitura à luz dos novos valores. Entre as representações mais recorrentes, destacam-se as de uma mulher extravagante, bruxa ou megera. Um exemplo é o apelido de Chica “Quemanda”, atribuído em referência ao poder que Chica da Silva, supostamente, exercia sobre João Fernandes, retratando-a como autoritária e caprichosa.

No século XX, Chica da Silva já havia se transformado em um mito. Apesar de ser um dos poucos indivíduos do século XVIII a figurar como personagem histórico, essa condição não decorreu de um reconhecimento pleno de sua relevância, mas, em grande parte, de sua posição enquanto mulher, parda e ex-escravizada, vivendo em um contexto profundamente marcado pela exclusão social e racial. Em Diamantina, sua figura tornou-se alvo de lendas e narrativas que mesclavam fascínio e temor, conforme aponta Furtado: “Tornou-se lendária, alvo de inúmeras histórias que embalavam os sonhos e os pesadelos noturnos das crianças” (2003, p. 271).

Na segunda edição de *Memórias do Distrito Diamantino* (1924), Nazaré Meneses visou reinterpretar a visão apresentada por Joaquim Felício dos Santos sobre a aparência e a figura de Chica da Silva. Enquanto Felício a descrevia de forma depreciativa, reforçando estereótipos que negavam a ela atributos físicos ou intelectuais para justificar sua posição

social ou a relação com João Fernandes, Meneses trouxe uma perspectiva distinta, ainda que limitada pelos valores de seu tempo.

Ao incluir notas explicativas à descrição elaborada por Joaquim Felício dos Santos sobre a aparência da ex-escravizada, Meneses argumentou que seria inadequado considerar Chica como uma figura “odienta e asquerosa”. Para ela, tal percepção seria incompatível com a paixão duradoura que João Fernandes, descrito como um homem nobre e galanteador, teria nutrido por Chica. Conforme destaca Júnia Furtado, Meneses defendeu que, “[...] caso contrário, não teria inspirado ao desembargador João Fernandes de Oliveira, moço nababo, nobre, galanteador, paixão tão ardente e severidade” (apud Furtado, 2003, p. 271).

Essa reflexão, ainda que limitada, representa um movimento para reabilitar parcialmente a figura de Chica da Silva, resgatando-a de um imaginário exclusivamente pautado por estigmas. Meneses inseriu Chica em um contexto que associava a atração física ao amor romântico, um ideal dominante na literatura e no pensamento do século XIX. Dessa forma, mesmo perante aos constrangimentos ideológicos de sua época, Meneses abriu espaço para questionar a narrativa preconceituosa de Joaquim Felício dos Santos e explorar nuances sobre a história de Chica.

A partir da década de 1950, a figura de Chica da Silva passou por um processo de revitalização no imaginário coletivo de Diamantina, impulsionado tanto por memórias locais quanto pelas releituras feitas pela elite intelectual da cidade. Nesse contexto, a casa onde foi comprovada sua existência e moradia teria sido tombada e transformada em ponto turístico, tornando-se um ícone material de sua existência, ainda que sua posse tenha sido atribuída ao contratador João Fernandes.

Longe de ser uma figura imutável, a imagem de Chica da Silva foi continuamente reformulada ao longo do tempo, espelhando os preconceitos, ideologias e interesses de cada novo intérprete. Os autores que se debruçaram sobre sua história moldaram narrativas baseadas em tradições orais e suposições, perpetuando imagens contraditórias. Enquanto alguns enfatizavam o prestígio social alcançado por Chica, outros reforçavam preconceitos, associando-a a práticas de crueldade, vingança e exotismo.

Desse modo, o mito da negra ex-escravizada que ascendeu socialmente foi, ao longo dos séculos, ressignificado em torno de estigmas negativos. Chica da Silva passou a ser associada à perversidade, luxúria, extravagância, arrogância e a uma feminilidade marcada pela sensualidade fatal. Apesar dessas conotações depreciativas, sua figura consolidou-se como um símbolo emblemático e contraditório na memória cultural de Diamantina.

A partir da década de 1950, a trajetória de Chica da Silva ultrapassou os limites dos textos históricos e memorialísticos, encontrando novas interpretações em romances, novelas e no cinema. Nesse contexto, sua figura foi reimaginada em narrativas reinterpretadas à luz dos valores e perspectivas de diferentes épocas. Como observa Júnia Furtado (2003) “[...] a liberdade de reconstrução da realidade preencheu as lacunas da história com a imaginação, recurso estilístico próprio do romance, e agregou outras qualidades ao mito (Furtado, 2003, p. 278)”. Assim, enquanto o discurso histórico se baseou em uma Chica metafórica, o romance, o cinema e a televisão apenas criaram novos estereótipos (Furtado, 2003).

Baseado na historiografia de Joaquim Felício dos Santos, Xica da Silva conquistou espaços de protagonismo em produções fílmicas nacionais. Um marco dessa trajetória foi o filme *Xica da Silva*, dirigido por Carlos Diegues e lançado em 1976, que também contribuiu para o romance histórico homônimo escrito por João Felício dos Santos. Posteriormente, essas representações literárias e cinematográficas serviram de base para a novela *Xica da Silva*, escrita por Walcyr Carrasco e exibida pela primeira vez em 1996, na Rede Manchete.

A representação de Chica da Silva ao longo da história reflete a complexa dinâmica dos estereótipos atrelados ao corpo da mulher negra e as transformações que essas narrativas sofreram. Inicialmente descrita no registro historiográfico de Joaquim Felício dos Santos, em *Memórias do Distrito Diamantino* (1868), como uma mulher "alta, feia e corpulenta", sem qualquer característica que explicasse sua ascensão social, Chica era desprovida de qualquer atributo valorizado. Com o tempo, no entanto, essa figura foi reconstruída na literatura, no cinema e na televisão sob o mito da "mulata fatal", uma imagem hipersexualizada em que sua única "virtude" seria o poder de manipulação através de sua sexualidade. Essas características são atribuídas, na obra, a supostos instintos raciais, como em: "habilidade trazida no sangue" e "ímpeto quente, bem da raça africana" (Santos, 2007, p. 108; p. 81), reforçando estereótipos desumanizadores.

Essa transformação está intrinsecamente ligada ao legado da escravidão, que destinou as mulheres negras a serem objetos de produção e reprodução, como observa Lélia Gonzalez (1982). No contexto brasileiro, a mulher negra herdou a posição cruel de ser, simultaneamente, um instrumento de exploração produtiva e sexual, marcado pela hipervalorização de sua sensualidade como um "produto nacional" degradado e desrespeitado.

Adicionalmente, a análise de Mary Del Priore (2000) reforça como os discursos históricos sobre a corporeidade feminina foram moldados por uma sociedade masculina e excludente. A mulher negra, por sua vez, foi duplamente subordinada: primeiro, como

corpo excluído e inferiorizado; segundo, como objeto de desejo perigoso e corruptor. Essa dualidade desumanizadora — beleza associada à ameaça e sensualidade ligada à destruição — cristalizou estereótipos que continuam a operar no imaginário social e cultural.

A representação mitológica de Xica da Silva reforça os estereótipos associados à figura da "mulata brasileira", frequentemente anulando aspectos centrais de sua vida, como a maternidade, presente nos registros historiográficos, literários e cinematográficos. Essa distorção recai sobre a construção de sua imagem, que é moldada para perpetuar narrativas de erotismo e exotismo, obscurecendo sua humanidade e apagando a complexidade de sua trajetória.

No romance histórico de João Felício dos Santos, a maternidade de Xica da Silva é mencionada apenas uma vez e de forma breve. Aos 17 anos, ela é descrita como mãe de dois filhos de um padre que a vendeu por não considerá-la mais útil. O romance ignora sua relação com os filhos e suas gestações futuras, focando apenas em sua ligação pública com João Fernandes, sua extravagância e a construção de sua imagem como símbolo de hipersexualidade negra.

Na literatura canônica brasileira, essa representação é parte de um padrão mais amplo que limita a mulher negra ao arquétipo da "mulata", concebida de forma depreciativa pela lente do colonizador. Como observa Duarte (2010), a figura da mulata, em regra, é retratada como desgarrada da família, sem vínculos parentais claros, e destinada a um prazer descomprometido. Essa construção se ancora no signo da *mulier fornicaria*, uma tradição europeia que a associa a um ser noturno, carnal, e meramente objeto de desejo, configurando-a como um avatar da meretriz.

Diante desse contexto, Conceição Evaristo (2005) destaca a quase ausência da representação da maternidade da mulher negra na literatura brasileira, reforçando estereótipos que a desumanizam. Segundo a autora, quando se tem uma versão maternal da mulher negra, é sob o estereótipo da "mãe preta", tradicionalmente retratada como alguém que prioriza os filhos dos brancos em detrimento dos próprios, e que, na literatura, frequentemente aparece como infértil ou perigosa. Essa distorção literária reflete um projeto nacional excludente, que marginaliza a mulher negra ao vinculá-la a um passado escravocrata e à condição de corpo-procriação ou corpo-objeto, sem conceder a ela o papel de mulher-mãe, reservado às mulheres brancas:

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como

Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e Maria, e que o corpo da mulher se salva pela maternidade, **a ausência de tal representação para a mulher negra acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido** (Evaristo, 2005, p. 2, grifo nosso).

As reflexões de Conceição Evaristo, somadas à análise conceitual apresentada, ecoam na literatura contemporânea e fundamentam as hipóteses deste artigo. A articulação entre narrativas memoriais e literárias evidenciam que, nessas obras, o corpo da mulher negra é frequentemente negado como mãe, em favor da hipervalorização do estereótipo da "mulata fatal". Esse arquétipo, ligado ao simbolismo da esterilidade e da exploração, reforça a desumanização da mulher negra.

Contudo, as representações de autoria afro-brasileira feminina sobre Chica da Silva, conforme veremos adiante, rompem com essa lógica. Ao reconhecerem a fertilidade da mulher negra, colocam o desaparecimento dessa parte central de sua vida como um problema, questionando o apagamento histórico e literário de sua maternidade e ampliando a discussão sobre a construção da identidade da mulher negra.

3 A DESMISTIFICAÇÃO DO CORPO E DA MATERNIDADE DE CHICA DA SILVA EM OBRAS DE AUTORIA FEMININA E AFRO-BRASILEIRA

No contexto das convenções literárias, Virginia Woolf (2019, p. 15) destaca a notável influência exercida pelo predomínio masculino na construção e perpetuação de valores na sociedade. Dado que, ao longo de um extenso período histórico, tanto a História quanto a Literatura, bem como os estudos filosóficos e sociais, estiveram predominantemente centrados no ponto de vista do adulto branco e civilizado (Candido, 2006), esse grupo detinha uma "influência poderosa que molda a organização hierarquizada das relações sociais sobre as formas de enunciação" (Bakhtin, 2006, p. 46). Dessa forma, as representações criadas por esse grupo sempre foram amplamente aceitas como verdades inquestionáveis, consolidando uma visão unilateral e restrita da realidade, excluindo perspectivas diversas e marginalizadas.

Além disso, a historiografia oficial, moldada pelas convicções das classes dominantes, silenciou sistematicamente as vivências das minorias sociais, normalizando a discriminação e perpetuando essas dinâmicas ao longo das gerações, restringindo o conhecimento dos eventos narrados. Tal influência, enraizada na realidade, estende-se à ficção, marginalizando o ponto de vista feminino na literatura. A exclusão histórica das

mulheres do espaço literário, onde predominam vozes masculinas, é evidente, ressaltando o papel crucial da literatura ao expor as complexidades das subjetividades femininas

Isto posto, a observação de Gayatri Spivak (2010), em *Pode o Subalterno Falar?*, ressoa ao afirmar que, no contexto da produção colonial, o sujeito feminino subalterno, que já está ausente de uma narrativa histórica, encontra-se ainda mais na obscuridade. As vozes femininas são, assim, subjugadas e silenciadas pelo contexto literário moldado predominantemente por figuras masculinas. Essa ausência histórica e literária contribui para a reprodução de estereótipos e normas que perpetuam as desigualdades de gênero.

Diante desse cenário, as autoras emergem como agentes de mudança. Elas atuam como porta-vozes, oferecendo uma contranarrativa que desafia a exclusão das mulheres do espaço literário e contribui para a construção de formas de identificação do sujeito feminino. Ao dar voz às experiências silenciadas, as obras de autorias femininas não apenas revelam as complexidades das subjetividades femininas, mas também desempenham um papel na desconstrução dos estereótipos perpetuados pelo discurso colonial, dando a estas figuras outras possibilidades de existência para além das impostas pelo regime discursivo dominante.

Assim, a literatura de autoria feminina não é apenas uma expressão artística; é uma ferramenta de resistência e transformação. Ao criar condições para que vozes, outrora negligenciadas, sejam ouvidas e valorizadas, as autoras desencadeiam um movimento fundamental na luta contra as desigualdades sociais, raciais e de gênero. Através de suas narrativas, elas são apresentadas para uma reconfiguração do panorama literário e, por extensão, para uma redefinição das normas sociais que moldam as identidades femininas. Sobre isso, Schmidt (1995) pontua que:

Falar sobre a instituição da “literatura” e a presença da mulher nos domínios dos discursos e saberes é, sem dúvida, um ato político, pois remete às relações de poder enraizadas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se delineou a partir do ponto de vista normativo masculino, projetando seu “outro” na imagem negativa do feminino (SCHMIDT, 1995, p. 185).

Se vincularmos essa realidade as representações elaboradas sobre Chica da Silva, podemos considerar que suas representações foram majoritariamente construídas por homens. Entretanto, quando algumas poucas mulheres as fizeram, em sua maioria racialmente brancas, apesar de resgatarem a história de uma figura negra feminina e dar-lhes novos contornos, pouco tentaram desmistificar o mito levantado sobre a escravizada.

Diante desse cenário, o feminismo crítico desempenha um papel central ao questionar a misoginia presente nas representações tradicionais das mulheres e ao focar na produção literária de autoras que desafiam os padrões ocidentais hegemônicos. Na literatura negra, a escrita adquire uma dimensão política, comprometida com a preservação da memória ancestral e das tradições africanas, ao mesmo tempo que confronta estereótipos e promove uma interpretação mais autêntica das experiências afrodescendentes.

A literatura afro-feminina emerge, assim, como uma confluência dessas perspectivas, recriando realidades, elaborando discursos de denúncia e reconfigurando identidades femininas negras, enquanto busca visibilidade e rompe com as históricas marginalizações impostas às suas vozes. Dessa forma,

[...] inaugura-se a partir das escritoras negras um movimento de auto representação. Tendo sido seu brado historicamente abafado pelas vias da raça e do sexo, essas autoras contemporâneas encontrarão na literatura (agora concebida por suas próprias mãos) uma possibilidade de luta contra os estigmas sociais (Dias, 2016, p. 110).

Nesse contexto, escritoras negras, conscientes de suas múltiplas intersecções e realidades, dedicam-se à divulgação de suas produções literárias, desafiando o apagamento histórico que tradicionalmente silenciou suas narrativas. A presença de vozes e personagens negras, frequentemente ausentes ou estereotipadas nas obras de autores brancos masculinos, ganha destaque nas produções lideradas por essas autoras. Essas representações transcendem a superficialidade da aparência física, focalizando a emancipação individual e coletiva das mulheres negras.

A literatura afro-brasileira feminina, fundamentada por essa perspectiva, carrega a premissa de que o corpo negro feminino, historicamente marcado pela vitimização, sexualização, racialização e punição, deve se emancipar dessas inscrições opressoras. A partir de ações afirmativas e da autoafirmação identitária, conforme apontado por Alves (2010), essas obras tornam-se ferramentas fundamentais para a resignificação desse corpo. Elas permitem a construção de novas narrativas que celebram a subjetividade, a humanização e a complexidade das mulheres negras, promovendo uma transformação profunda na percepção e no lugar que ocupam na sociedade.

No âmbito do projeto literário afro-feminino, emergem discursos em que vozes negras femininas, libertas de narrativas de submissão, constroem uma expressão escrita que redefine significados, tanto para si mesmas quanto para a coletividade. Essas narrativas celebram repertórios e eventos histórico-culturais negros, valorizando experiências e saberes antes marginalizados. Conceição Evaristo ressalta que a escrita das mulheres

negras “explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade insiste em querer inferiorizada, mulher e negra”, oferecendo sempre “a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (Evaristo, 2005, p. 205).

Essa escrita, ou “escre(vivência)”, como conceituada por Evaristo, reivindica uma voz própria e autêntica, única à experiência vivida pela mulher negra. Nesse processo, o corpo da mulher negra deixa de ser o “outro” descrito como objeto passivo, para se afirmar como sujeito ativo que se narra e se interpreta. Como aponta Evaristo, “o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve” (Evaristo, 2005, p. 54).

Na interconexão entre escrita e vivência, essa concepção do fazer literário feminino negro compreende os textos para além de um sentido estético, uma vez que “buscam sistematizar um outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Assume-se o lugar da escrita como direito, assim como se assume o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 206). Dessa forma, nesses textos, emergem figuras femininas negras que almejam não apenas a afirmação pessoal, mas também enfrentar desafios como o racismo, a solidão e o sexismo. Estas narrativas são alimentadas pelo sonho de permanecerem no mundo como senhoras de si mesmas e de suas vontades.

Como forma de expressão verbal, a literatura afro-feminina enaltece os legados intelectuais e culturais da tradição africano-brasileira, valorizando os saberes e práticas ancestrais das populações negras, enquanto desmantela discursos poéticos e ficcionais que buscam reprimir essas heranças. As possíveis proposições poéticas permitem concordar com Conceição Evaristo, ao mencionar que “[...] os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Torna-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida” (Evaristo, 2005, p. 206).

Dessa forma, a produção textual das mulheres negras assume relevância ao desvelar aspectos de suas vivências e condições frequentemente negligenciados nas definições predominantes da realidade e nas pesquisas históricas. Ao adotar uma perspectiva diferenciada e enfrentar as limitações ideológicas e as imposições históricas, essa produção textual possibilita uma reflexão que desvende a essência de um Brasil afro-feminino, distinto da padronização comum. Nesse processo, ocorre a humanização da mulher negra, conferindo-lhe uma identidade própria, expressa por meio de um rosto, um corpo e um sentimento que refletem características singulares (ALVES, 2010).

Nesse ato de autodescrição e inscrição literária, as autoras afrodescendentes apagam e ressignificam os estigmas de animalidade, promiscuidade e imoralidade frequentemente associados à mulher negra. Em convergência com os ideais do feminismo negro, que

emergiu com força nos Estados Unidos, essas obras singularizam a experiência de gênero da mulher afrodescendente. Ao reconhecer que as escolhas e possibilidades das mulheres negras são significativamente limitadas em comparação às das mulheres brancas, autoras como Conceição Evaristo, Miriam Alves e Geni Guimarães rompem com a noção de uma opressão universal feminina. Como aponta bell hooks (2000), essas escritoras rejeitam o falso ideal de uma experiência feminista homogênea e investem em uma resistência única, forjada na intersecção entre as opressões de gênero e raça.

Dentro dessa perspectiva, as autoras afrodescendentes problematizam diversos eixos identitários, sendo a maternidade um dos temas mais destacados. A partir das representações distorcidas da mãe negra no cânone literário nacional, essas escritoras constroem um contradiscurso que reintegra a maternidade às mulheres negras. Por meio desse movimento, elas promovem sua humanização sob um olhar literário e sociocultural, desafiando os estereótipos que desumanizam a mulher negra ao reduzi-la a papéis de servidão ou erotização.

Nesse cenário de transformação discursiva, este trabalho propõe analisar a representação do corpo e da maternidade de Chica da Silva em obras de autoria negro-feminina, como *Chica da Silva - A Mulher que Inventou o Mar* (2001), de Lia Vieira, e *Chica da Silva - Romance de uma Vida* (2016), de Joyce Ribeiro. Complementarmente, o debate será ampliado com a obra historiográfica *Chica da Silva e o Contratador de Diamantes: o outro lado do mito* (2003), de Júnia Furtado. Embora escrita por uma autora branca, essa obra busca desmistificar historicamente Chica da Silva, extrapolando os limites da ficção para questionar os estereótipos que marcaram sua trajetória histórica.

Ao articular narrativas literárias e historiográficas — com diferentes sensibilidades e intencionalidades —, a análise pretende investigar como essas obras contribuem para reconfigurar a percepção da mulher negra. A abordagem destaca a pluralidade de dimensões de Chica da Silva, ressaltando sua humanidade, agência e complexidade, reposicionando-a como um símbolo de resistência e reinvenção nas esferas da história e da literatura.

3.1 CHICA DA SILVA - A MULHER QUE INVENTOU O MAR, DE LIA VIEIRA

Visando desconstruir o imaginário consolidado culturalmente sobre Chica da Silva, Lia Vieira publicou, em 2001, *Chica da Silva – A mulher que inventou o mar*, o primeiro romance sobre Chica escrito por uma mulher. Com um olhar sensível e comprometido com a ressignificação histórica, Lia Vieira, juntamente com a ilustradora Iléa Ferraz,

desenvolveram uma contra-narrativa que desafia as representações eurocêntricas e estereotipadas divulgadas anteriormente sobre Francisca da Silva.

A obra inserida na tradição da literatura afro-feminina, que, segundo Silva (2010, p. 100), é um processo contínuo de “(re)invenções de memórias, histórias e narrações sobre identidades, femininas e feminismos negros”. Nesse contexto, a literatura afro-feminina promove um retorno dinâmico ao passado, em que memórias são ressignificadas e aliadas a vivências, resistências e sonhos, compondo um diálogo entre o passado, o presente e um futuro possível, pautado pela emancipação e pela construção de novas narrativas.

Lia Vieira exemplifica esse movimento ao retomar a figura de Chica da Silva, não como um ícone exótico ou sensualizado, mas como uma mulher negra cuja história é ressignificada a partir de uma perspectiva crítica e subjetiva, em sintonia com as experiências de raça e gênero vividas por mulheres negras.

Voltado para o público infantojuvenil, o livro apresenta uma perspectiva diferenciada, sem desprezar os acontecimentos históricos que cercaram o personagem. Nesse texto, que dialoga com a história e com narrativas ficcionais precedentes, a narração ocupa um lugar distinto, marcado por uma profunda cumplicidade entre o narrador e o personagem. A linguagem sensível e cuidadosa de Vieira destaca-se das representações estereotipadas de outras obras. Ademais, ao contrário das obras mencionadas acima, o texto de Lia Vieira apresenta Chica da Silva em diversas etapas de sua vida — infância, mocidade, maturidade e morte —, humanizando-a e resgatando aspectos frequentemente ignorados, como sua maternidade.

Na trama, desde a infância, a personagem é apresentada como uma figura carismática, inteligente e determinada, características que contrastam com a representação tradicional de mulheres negras subjugadas. Sua comunicação afetuosa e sua relação harmoniosa com a natureza são destacadas no trecho: “Chiquinha tinha carinho com a natureza e os bichos. Era uma avezinha, aprendera a falar como um papagaio de irresistível ânsia de comunicação, mas controlável com amor” (Vieira, 2001, p. 11). O uso do diminutivo “Chiquinha” reflete não apenas a ternura da fase infantil, mas também o cuidado da autora em criar uma imagem afetuosa e próxima da personagem, dando-a uma dimensão humana e ressignificando sua figura histórica.

Diferentemente das representações tradicionais, que costumavam alternar Chica da Silva a uma figura sem quaisquer atributos qualificadores - seja ignorando sua inteligência e beleza, seja associando-a a uma imagem exclusivamente sensual e erotizada — a narrativa de Lia Vieira ressignifica sua imagem ao valorizar sua beleza, inteligência e postura altiva. Na obra, Chica é descrita como alguém que “tinha belos traços, um porte altivo e uma

inteligência brilhante” (Vieira, 2001, p. 10), qualidades que rompem com os estereótipos desumanizadores geralmente associados às mulheres negras.

Entretanto, a valorização de sua beleza e postura marcante não passa despercebida na sociedade colonial, onde despertava a inveja e o ressentimento das senhoras da cidade. Essas mulheres, incapazes de confiar positivamente nas qualidades de Chica, alimentaram comentários maldosos e depreciativos, evidenciando como sua presença desafiava os padrões de classe e raça estabelecidos.

A trama também explora os contrastes entre Chica e as moças brancas da elite local, especialmente durante a suspeita de sua primeira gravidez. Nesse momento, a narrativa ressalta os julgamentos sociais e raciais que Chica enfrentou, evidenciando o preconceito e a hipocrisia da sociedade colonial. Quando sua barriga começa a crescer, os comentários das senhoras brancas do arraial revelam o desconforto com a sua presença: “Como pode o coronel Sousa permitir que aquela negra conviva com sua pré-adolescente e pura filha?”

A partir disso, a maternidade ocupa uma posição central na narrativa de Lia Vieira (2001), sendo um dos aspectos mais significativos para a ressignificação da personagem histórica. Seguindo o que até então se conhecia historicamente sobre Chica da Silva, Lia Vieira menciona o nascimento dos dois primeiros filhos de Chica, sendo o primeiro Simão, e o segundo, Cipriano. Ao ser comprada por João Fernandes, Chica foi surpreendida com a possibilidade de levar consigo seus filhos e quem mais desejasse. Desde então, Chica nunca mais fora escravizada. Assim que chegou a nova casa, já havia um quarto preparado para si e um baú repleto de roupas de sedas e acessórios de pérolas e ouro. Tornava-se, então, a Senhora Chica da Silva.

A escrita de Lia Vieira ressignifica a figura de Chica da Silva ao reconstruí-la como uma mãe zelosa, afetuosa e presente, aproximando-se da imagem que a historiadora Júnia Furtado viria a descrever em suas pesquisas. A obra ressalta a centralidade da maternidade na vida de Chica, evidenciada no trecho: “Chica encheu o Castelo da Palha de filhos e filhas felizes e saudáveis [...]” (Vieira, 2001, p. 37), a qual, com a passagem dos anos, é descrita como possuidora de “aspecto de uma jóia rara”, dedicando-se zelosamente à criação de seu numeroso perfil: Simão, Cipriano, João Fernandes Filho, Francisca, Luísa, Rita, Antonia, Joaquim, Ana Quitéria e Helena, promovendo harmonia e estabilidade em seus domínios (Vieira, 2001, p. 43).

Essa representação valoriza a dimensão familiar de Chica, reconfigurando sua imagem tanto histórica quanto literária. Ao destacar seu papel de mãe comprometida e amorosa, Vieira subverte os estereótipos desumanizadores que, tradicionalmente, negaram às mulheres negras o exercício de uma maternidade plena e digna. Com isso, a narrativa rompe com a invisibilidade e a marginalização que marcaram as representações canônicas,

reafirmando a maternidade como um elemento central na construção da figura de Chica da Silva e como símbolo de resistência e humanidade em meio às adversidades de sua época.

Além disso, as ilustrações de Iléa Ferraz reforçam essa dimensão maternal. Uma das cenas mais impactantes visualmente apresenta Chica com uma criança no colo, enquanto outra filha toca delicadamente o bebê que a mãe segura. Ao fundo, duas mulheres aparecem com outra criança da família, completando a cena de intimidade e acolhimento. Essa representação visual de uma mãe negra cercada por sua descendência contrasta fortemente com a ausência ou invisibilidade de tais imagens na literatura tradicional brasileira.

Essa combinação entre texto e ilustração ressignifica a figura de Chica da Silva, não apenas reafirmando sua humanidade, mas também celebrando a maternidade como um aspecto central de sua história. Nessa obra, Vieira e Ferraz, juntas, desafiam as narrativas eurocêntricas que reduziram Chica a estereótipos, apresentando-a como um símbolo de resistência, cuidado e afeto no imaginário literário afro-brasileiro.

Para além da maternidade, a narrativa de Vieira reinterpreta aspectos marcantes da trajetória de Chica, como sua relação com João Fernandes, de maneira mais humana e menos espetacularizada. Em vez de uma paixão marcada por instintos ou interesses superficiais, o relacionamento é descrito como algo construído gradualmente, com delicadeza e respeito.

A obra evidencia, também, que os comentários sobre Chica perduraram pelo arraial durante toda a sua vida. A insatisfação da união de uma ex-escravizada com o homem mais poderoso da colônia, sua consequente asceção e inserção social e a aceitação foçada da elite branca local são evidenciados em trechos que mencionam:

Para o mundo exterior, a ligação assumiu o aspecto de uma infâmia dourada.

A batalha dos moralistas era aquecida em citações:

- Até parecem senhoras, Deus me perdoe! Todas a se fazerem gente.
- Dá-se-lhe o pé e tomam a mão, corja!
- É uma negra boçal, mas tem ascendência sobre o homem mais rico do mundo: João Fernandes de Oliveira. Beije sua mão se for preciso. Só Chica traz o rei na barriga. (Vieira, 2001, p. 34)

Além disso, o texto de Vieira incorpora elementos da oralidade africana e do universo mítico-religioso afro-brasileiro, o que enriquece a narrativa e a torna uma contra-narrativa poderosa frente às representações eurocêntricas e misóginas da personagem. As escolhas estilísticas da autora, como a valorização de nomes e expressões africanas e a

construção de Chica como uma "griot-menina", reforçam a conexão da personagem com sua ancestralidade e tradição.

Por fim, um dos aspectos mais ricos da narrativa, que leva o nome da obra, é a maneira como Lia Vieira ressignifica o mito do "mar de Chica". Tradicionalmente interpretado como um símbolo de excentricidade e capricho, o mar em *Chica da Silva – A Mulher que Inventou o Mar* é recontextualizado como um desejo profundo de liberdade e pertencimento. Essa reinterpretação conecta a personagem à simbologia africana das águas, evocando Iemanjá e outros elementos da cosmovisão afro-brasileira. O mar torna-se, assim, uma metáfora para a força criativa e emancipatória de Chica, reforçando sua existência em um contexto colonial opressor.

3.2 UMA LITERATURA HISTORIOGRÁFICA DESCONSTRUTIVA: CHICA DA SILVA E O CONTRATADOR DE DIAMANTES: O OUTRO LADO DO MITO, DE JÚNIA FERREIRA FURTADO

Embora Júnia Furtado seja uma historiadora racialmente branca, seu trabalho se destaca ao revisar e questionar o mito em torno da figura de Chica da Silva, oferecendo uma abordagem crítica que desmistifica narrativas históricas, por muito tempo moldadas por estereótipos e preconceitos. Sua pesquisa tem sido crucial para repensar a maternidade e a complexidade histórica de personagens negras na historiografia nacional, desafiando a visão reducionista que, por longo tempo, restringiu suas trajetórias à escravidão no período colonial brasileiro.

Em 2003, a historiadora Júnia Ferreira Furtado, em sua obra *Chica da Silva e o Contratador de diamantes: o outro lado do mito*, se comprometeu a descrever, por meio de documentos e registros, uma Chica da Silva próxima da mulher real que viveu no Tejuco no século XVIII. Desse modo, segundo a autora, "[...] ao inseri-la e contextualizá-la em seu tempo e em seu espaço, buscou-se construir uma personagem historicamente verdadeira" (2003, p. 20).

A obra historiográfica de Furtado dissente das historiografias tidas, até então, sobre a existência da personagem. Munida do levantamento de registros sobre Chica da Silva e sobre outras escravas forras de sua época e região, a historiadora reconstitui a história de uma Chica da Silva distinta do mito que a envolveu durante séculos.

Na obra, Furtado elucida questões como a união entre Chica da Silva e o Contratador de diamantes, tida como algo afetuoso, diferente dos relacionamentos entre concubinas e senhores da época. A quase que instantânea alforria, o acréscimo do sobrenome Oliveira e

a busca por assegurar recursos financeiros por parte de João Fernandes evidenciaram o caráter afetivo, e não apenas sexual e de interesses em que acreditava ser pautada a relação.

Em seu estudo, Furtado destaca a aparência de Chica, observando que "Chica, que herdara os traços minas da mãe, possuía tez clara, e seu aspecto físico, aliado à juventude, despertava o interesse dos portugueses recém-chegados"(2003, p. 49). A historiadora cita ainda que, embora não conhecêssemos os efeitos que a escrava provocou em João Fernandes, é certo que o contratador ficou "vivamente impressionado com Chica da Silva, cujas características físicas, ao mesmo tempo, exóticas e conhecidas, correspondiam à noção de beleza que tinham os europeus" (Furtado, 2003, p. 115).

Diante da hiper sexualização do mito, expandido pela mídia televisiva e pela literatura de João Felício dos Santos, Júnia Furtado desconstrói essa alternativa, afirmando que esse estereótipo não reflete os acontecimentos factuais. A autora afirma:

Durante dezessete anos, entre 1753 e 1770, ano em que João Fernandes voltou para Portugal, ele e Chica mantiveram um relacionamento estável, do qual nasceram treze filhos, nove meninas e quatro meninos. **A média de um parto a cada treze meses faz desmoronar o mito da figura sensual e lasciva, devoradora de homens, ao qual Chica esteve sempre ligada.** João Fernandes jamais teve dúvidas sobre a paternidade dos rebentos, pois os legítimos e lhes legou todo o seu patrimônio, apesar de, em seu testamento, demonstrar a esperança de que ainda pudesse vir a ter um filho legítimo que o sucedesse. [...] A despeito da alta taxa de mortalidade da época entre recém-nascidos e crianças, todos os filhos de Chica e João Fernandes chegam pelo menos até a adolescência; foram bem poucos os que não atingiram a idade adulta (Furtado, 2003, p. 121, grifo nosso).

Sobre o suposto segundo filho de Chica da Silva, Cipriano, mencionado na obra de Lia Vieira como parte de sua descendência, Júnia Furtado esclarece a confusão documental em torno desse registro. Na historiografia tradicional, particularmente em *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio* (1868), de Joaquim Felício dos Santos, Cipriano é descrito como um filho "desconhecido", o que levanta dúvidas sobre a veracidade e a origem dessa informação.

Segundo Furtado (2003), esta questão pode ser comprovada através do confronto com outros documentos históricos, como o registro da visita eclesiástica de 1753 e o testamento de Manuel Pires Sardinha. Esses registros revelam que tanto Francisca Parada, conhecida como Chica da Silva, quanto outra escravizada, Francisca Crioula, engravidaram de Manuel Pires Sardinha. Enquanto Chica da Silva teria dado à luz Simão, Francisca Crioula seria mãe de Cipriano. A confusão entre essas duas mulheres, ambas

escravizadas, levou a uma interpretação errônea por parte da historiografia tradicional, que muitas vezes Chica da Silva como mãe de ambas as crianças.

A partir disso, historiadora levanta uma discussão que evidencia como a narrativa da maternidade de Chica foi marginalizada em prol de um imaginário que reforçava estereótipos raciais e de gênero, ignorando aspectos essenciais de sua história e experiência de vida.

Ainda sobre a maternidade de Chica da Silva, Furtado menciona que, ao longo de sua vida, Chica da Silva e João Fernandes empenharam-se em garantir aos filhos a melhor inserção social possível. Enquanto os meninos foram levados ao Reino para se reunirem com o pai, que buscava prepará-los para sucedê-lo, Chica se dedicou à educação das filhas, que ficaram sob seus cuidados no Tijuco. Com a partida de João Fernandes para Portugal, em 1770, Chica precisou recorrer a suas próprias estratégias para manter o *status* de prestígio no arraial, seguindo o exemplo de outras mulheres forras da região.

O destino de seus filhos foi marcado por paradoxos. Em algumas situações, a fortuna e o prestígio herdados do pai, assim como a ascendência paterna, foram decisivos para abrir portas e garantir privilégios. Contudo, em outras situações, a cor herdada da mãe e a condição de ex-escravizada de Chica impuseram barreiras significativas. Apesar da aparente fluidez social, a sociedade colonial brasileira permanecia profundamente marcada pela valorização da origem do nascimento, um estigma que se perpetua por gerações.

Para garantir o bom convívio social de sua descendência na elite mineira, Chica da Silva se comprometeu a inserir as práticas sociais e religiosas comuns à época, como a participação em irmandades católicas. Seus filhos foram integrados nessas associações, ocupando cargos de destaque que reforçavam sua posição na sociedade local. Conforme observa Furtado (2003, p. 182):

Chica seguiu à risca os modelos cristãos de devoção e transmitiu aos filhos ensinamentos sobre os atos essenciais dessa fé, indispensáveis para a elevação da alma ao paraíso após a morte. Mas seus motivos não eram estritamente religiosos: ao tornar pública sua aceitação sem restrições do catolicismo, foi o modo pelo qual ela e seus descendentes alcançaram bom trâmite social no seio da elite branca e católica do arraial.

A acessibilidade de Chica e sua descendência em irmandades tradicionalmente exclusivas da elite branca ilustra sua relevância social no Tejuco. Essa particularidade, embora não fosse única, evidencia os mecanismos pelos quais ela solidificou sua posição e a de seus filhos no arraial. Importante destacar que, diferente do que foi propagado pela

historiografia e pela literatura de João Felício, a manutenção desse prestígio social não se deu exclusivamente à relação com João Fernandes, mas também ao esforço contínuo de Chica em construir um espaço de respeito e aceitação para si e sua família, alcançando, ao menos em parte, uma ascensão social almejada

Além disso, a educação doméstica que Chica da Silva recebeu enquanto ex-escrava alforriada, alçada a uma nova condição social pelo concubinato com um homem branco e português, contrastava significativamente com a que ela proporcionou aos filhos. Ciente das oportunidades que a posição de João Fernandes poderia oferecer, Chica optou por investir na formação mais refinada disponível em Minas Gerais da época, visando garantir aos filhos uma inserção social em um patamar muito superior ao que ela mesma havia alcançado.

Segundo Furtado (2003), inicialmente, os filhos homens de Chica da Silva estudaram no Tijuco, recebendo instrução dos curas e professores locais. Em seguida, com a ida de João Fernandes a Lisboa, os quatro filhos do casal e Simão Pires Sardinha, filho de Chica da Silva, foram enviados ao Reino para se reunir com o contratador. Embora não seja possível identificar com precisão as universidades que frequentavam, sabe-se que Simão se dedicou ao estudo da gramática e do latim, graduando-se em Artes em Portugal, tornando-se naturalista, científico e ilustrado.

Já as filhas de Chica da Silva seguiram um caminho educacional diferente. As nove meninas foram internadas no Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Monte Alegre de Macaúbas, considerado o melhor educandário da capitania. Esse misto de convento e escola oferecia as jovens da elite mineira a garantia de uma vida devota e honrada. Era uma das poucas vagas em Minas Gerais onde as mulheres tinham acesso à educação formal, já que a sociedade da época priorizava a instrução masculina. Nesse contexto, “prioritariamente, ao internar as filhas naquele convento, Chica da Silva pretendia que recebessem educação formal, virtuosa e de qualidade [...]” (Furtado, 2003, p. 190).

Em diversos momentos da historiografia de Furtado, Chica da Silva é retratada como uma mãe dedicada e acolhedora, que faz tudo ao seu alcance para estar próxima de suas filhas. A autora descreve que, mesmo com as meninas reclusas no Recolhimento de Macaúbas, Chica aproveitava a informalidade da instituição para visitá-las sempre que desejava. Nesses momentos, levava alimentos especiais, como frango para as enfermas e outros quitutes. Quando alguma das filhas adoecia gravemente, Chica não hesitou em obter licenças para levá-las para casa, onde poderia cuidar delas pessoalmente.

Para manter-se próximo às filhas durante a estadia em Macaúbas, João Fernandes construiu uma pequena casa ao lado do educandário, onde ele e Chica passavam longos

períodos. A fim de garantir maior conforto durante a estadia das filhas, João também financiou a construção de uma nova ala no educandário, para que suas filhas vivessem em celas/quartos mais confortáveis e com mais privacidade.

Além disso, como testemunho da boa criação dos filhos de Chica da Silva e da figura de mãe zelosa que ela representava, o padre Aldonço (*apud* Furtado, 2003, p. 182) ressaltou que as crianças demonstravam bom comportamento, “proveniente da boa educação que suas mães lhes dão e tem dado com recato e singular doutrina”. Esse relato evidencia a dedicação de Chica em fornecer aos filhos uma formação certificada aos padrões sociais e morais valorizados na época, contribuindo para sua inserção na elite mineira.

Dessa forma, a escrita de Júnia Furtado buscou restituir a imagem de Chica da Silva em uma memória cultural envolta pelo mito da ex-escravizada, que, por séculos, foi reforçado por uma historiografia tendenciosa, bem como pela literatura e pela cinematografia nacional. Em sua obra historiográfica, a autora não apenas reconstituiu os acontecimentos das Minas Gerais do século XVIII, mas também trouxe à tona as múltiplas possibilidades de ser negro no Brasil colonial, desmistificando a trajetória de Chica da Silva como única. A partir desse registro, é possível acessar a história de uma mulher negra distante dos estereótipos construídos pela historiografia e pela literatura nacional, evidenciando sua humanidade e protagonismo social.

3.3 CHICA DA SILVA - O ROMANCE DE UMA VIDA, DE JOYCE RIBEIRO

Em 2016, emergiu a segunda obra de autoria negra feminina no cenário literário brasileiro, dedicada a ressignificar a representação de Chica da Silva na literatura nacional: Chica da Silva, é a obra *Chica da Silva — o romance de uma vida* (2016), de Joyce Ribeiro. A autora, nacionalmente conhecida por sua atuação como jornalista no SBT, (re)apresenta, em forma de bibliografia romanceada, uma Chica da Silva que se difere das versões mais conhecidas.

“Muito diferente da imagem de mulher excêntrica, escandalosa e amoral perpetuada ao longo dos anos” (Ribeiro, 2016, p. 3), Joyce Ribeiro reconstitui romanticamente a história de Chica da Silva, como se acompanhasse, no passado, cada um de seus passos. Alinhando o romance-bibliográfico às pesquisas de Júnia Furtado, em seus escritos, Joyce busca reconstituir uma Chica da Silva não teve a oportunidade de contar sua própria história, dado que, “sem direito a voz, pois era analfabeta como a maioria das mulheres de seu tempo, não escreveu relatos. O máximo que aprendeu foi assinar seu próprio nome” (Ribeiro, 2016, p. 4). A partir uma descrição que permeia pelos pensamentos e sentimentos da personagem, a história de Chica da Silva é, assim, narrada como a representação

histórica de tantas “mulheres que, sem exposição pública, se assemelham à saga dessa mineira que foi magnificente, mesmo sem se dar conta do que representava” (Ribeiro, 2016, p. 4)

Ao assumir a tarefa de escrever sobre outra mulher negra histórica, Joyce Rodrigues não apenas compartilha da mesma identidade racial de Chica da Silva, mas também desenvolve sua narrativa a partir de uma historiografia concebida por uma mulher. Essa abordagem tem um propósito claro: dismantelar a representação previamente elaborada pela supremacia branca masculina sobre a mencionada figura histórica. Ao fazê-lo, Rodrigues busca corrigir distorções, desafiar estereótipos e oferecer uma interpretação mais autêntica e inclusiva da vida de Chica da Silva, contrapondo-se às perspectivas historicamente tendenciosas e limitadas. Joyce deixa claro suas intenções ao mencionar, no prólogo da obra:

Meu objetivo com este livro é mostrar o poder transformador da confiança em nós mesmas, que gerou frutos até em uma época em que a valorização feminina sequer existia, e a certeza de que somos donas de nossas histórias, o que pode provocar reviravoltas, mudar os rumos de comunidades e de países

Hoje, podemos nos inspirar em tantas chicas que estão à nossa volta, que Jutamam incansavelmente, sem esquecer o amor próprio, o amor pelos homens que mereceram sua confiança e, principalmente, o amor pelos filhos, nosso combustível vital.

Viver à luz de exemplos como o de Chica da Silva é a nossa missão. Temos de lutar pelo amor, pelo respeito, pelo direito de sonhar, lutar contra a servidão e o comodismo; lutar pelo direito ao amor, em todas as suas nuances, com a coragem capaz de inspirar homens e mulheres do século XXI, como eu, como você, como todas as pessoas que nos cercam (Ribeiro, 2016, p. 5).

A trama deste romance-bibliográfico perpassa por toda a vida de Chica da Silva, desde o momento de seu parto à sua morte. Nascida escravizada, comprada pelo Manuel Pires Sardinha, a qual a tomou como concubina e teve seu primeiro filho, Simão Pires Sardinha. Pouco tempo depois da instalação de João Fernandes no arraial, Francisca da Silva é comprada pelo jovem contratador. “Ele permite que a moça – de belas feições e sedutora aparência, como é natural nas descendentes de negras da Costa da Mina – traga o filho Simão, agora com dois anos, um mulatinho viçoso e esperto, muito bem cuidado pela mãe” (Ribeiro, 2016, p. 21).

O relacionamento entre Chica da Silva e João Fernandes é descrito como uma relação de afeto mútuo, na qual o contratador teria cuidado dela e de seus filhos, concedendo-lhe

a alforria pouco tempo após sua aquisição. Nesta relação, “Chica sente, talvez pela primeira vez, como é ser tratada de um jeito diferente” (Ribeiro, 2016, p. 22).

Na escrita de Joyce Ribeiro, Chica da Silva é retratada como uma mãe cuidadosa, reforçando a imagem reconstruída por Lia Vieira e Furtado (2003). Depois da partida de João Fernandes para o Reino, Chica cuidara sozinha dos filhos que não foram enviados à Lisboa, sendo estes o varão caçula recém-nascido e as filhas. De acordo com a historiadora, quando as filhas de Chica, internas no educandário de Macaúbas, adoeciam, eram “[...] cuidadas lá mesmo com grande empenho da mãe” (Ribeiro, 2016, p. 46). Nos casos mais graves, retornavam para casa para receber o cuidado e o zelo materno de Chica, evidenciando seu papel ativo e afetuoso na criação de suas filhas. O trecho abaixo evidencia o cuidado e o zelo de Chica com sua prole:

E, da mesma forma que se apega ao caçula, único varão que lhe resta, antes que se junte aos que se foram para o Reino, em busca de boa educação, ela se dedica às filhas, tanto às pequeninas que ainda estão em casa, quanto às internadas em Macaúbas. Não é uma tarefa muito fácil, porque é preciso deslocar-se até lá, para levar alimentos e cuidar das meninas quando adoecem algo muito comum. Muitas vezes dá para tratar delas ali mesmo, mas há casos em que têm de ser levadas de volta para casa, dependendo da gravidade. Chica não se conforma em ficar distante de uma filha enferma. Quer se assegurar de que tudo seja feito para que se restabeleça. Ela mesma acompanha tudo, atenta aos menores detalhes, observando a preparação dos unguentos e dos chás indicados. Não descansa até que a saúde esteja de volta. Naquela família ninguém é deixado à própria sorte. Todos contam com respaldo e carinho, além de boa alimentação.

Já fora do convento, Chica se dedica a garantir bons casamentos as suas filhas, a fim de que possam viver legalmente como esposas, diferente do que vivera pela imposição das leis católicas que proibiam o casamento entre pessoas de condições sociais distintas.

Ademais, desmistificando o mito de mulher lasciva que se levantara sobre Chica, e especulando o surgimento destes boatos, Ribeiro escreve sobre a espera de Chica pela volta de João Fernandes, dizendo:

A fama da sensualidade das mulheres negras é uma fantasia que se espalha nas terras do Reino e que um caso como o de João Fernandes só faz ampliar. Não falta quem imagine as loucuras que aquela mulher é capaz de cometer, ainda mais agora que está sozinha e tem propriedades, não é uma qualquer. Pode escolher quem quiser para não atravessar longas noites em profunda solidão. Mas ninguém descobre um só deslize daquela mulher. [...]

Ela mesma sabe muito bem as histórias que inventam a seu respeito, até porque não faltam más línguas em seu próprio território. Nem se dá ao trabalho de perder tempo com falatórios. Chica da Silva é mais ela. Passa o primeiro ano em solidão, o segundo, o terceiro... Não que seja fácil. Está longe de ser uma questão de acostumar-se. Ela não quer se habituar a uma ausência que ainda acredita ser passageira. Um dia desses, quem sabe durante as primeiras luminosas horas da manhã, ou em um belo final de tarde, verá seu cavaleiro chegando, seja em uma novem de poeira ou sob o insistente gotejar das chuvas. Ninguém toma o lugar dele ao lado de Chica. Espera a volta com uma paciência que nada tem a ver com seu espírito indomável, sem jamais pensar em um novo companheiro. A realidade que ela vive é muito distante das fantasias que insistem em criar sobre ela. Realmente é ousada quanto à sua maneira de viver, mas está muito longe de ser a dodivanas que procuram agregar à sua imagem. (Ribeiro, 2016, p. 66-67)

Assim, a obra de Joyce Ribeiro oferece uma representação humanizadora sobre Chica da Silva, destacando aspectos negligenciados ou distorcidos por narrativas históricas tradicionais e pela literatura brasileira. A representação de Chica como uma mulher forte, cuidadosa e estrategista, tanto no âmbito pessoal quanto no social, contrasta com os estereótipos perpetuados ao longo dos séculos.

Ao reconstruir a trajetória de Chica da Silva com sensibilidade, dando voz a uma figura que não teve a oportunidade de narrar sua própria história, este romance bibliográfico transcende o caráter literário e se consolida como uma ferramenta de ressignificação de uma personagem negra histórica, reforçando a importância de revisitar o passado sob a ótica de mulheres negras que, como a própria autora, compartilham de uma história de resistência e afirmação identitária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo revisitou as representações de Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva, com enfoque na maternidade e na desconstrução de estereótipos raciais e de gênero, presentes em narrativas historiográficas e literárias. A análise das obras *Chica da Silva – A Mulher que Inventou o Mar* (2001), de Lia Vieira, *Chica da Silva – Romance de uma Vida* (2016), de Joyce Ribeiro, e *Chica da Silva e o Contratador de Diamantes: O Outro Lado do Mito* (2003), de Júnia Furtado, revelou uma diversidade de perspectivas que desafiam as representações tradicionalmente moldadas por visões eurocêntricas e patriarcais.

Ao integrar ficção e historiografia, o estudo demonstrou como as narrativas de Lia Vieira e Joyce Ribeiro, enquanto produções de autoria negro-feminina, ressignificam a

figura de Chica da Silva, enfatizando sua maternidade, humanidade e agência. Essas obras rompem com os estigmas associados ao mito da "mulata brasileira" e reivindicam um espaço literário que celebra a subjetividade e a complexidade das mulheres negras. Em contrapartida, a análise da obra de Júnia Furtado evidenciou como o rigor historiográfico pode desmistificar narrativas reduzidas ao exotismo e à hipersexualização, oferecendo uma visão mais próxima do que Chica da Silva representou historicamente.

Apesar dessas contribuições significativas, as produções literárias de autoria negra sobre Chica da Silva, como as de Lia Vieira e Joyce Ribeiro, permanecem à margem do reconhecimento acadêmico e do debate literário. Obras mais extensas, como *Chica da Silva – A Cinderela Negra*, de Ana Miranda, e *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, ambas de autoria branca, têm recebido maior visibilidade no cenário literário e acadêmico. Em contrapartida, narrativas de autoria negro-feminina, como as de Lia Vieira e Joyce Ribeiro, que oferecem uma perspectiva mais alinhada às vivências e à subjetividade da mulher negra, ainda permanecem à margem do reconhecimento e do debate acadêmico. Essa invisibilidade literária reflete uma questão estrutural mais ampla, em que as vozes negras — especialmente as femininas — ainda lutam por espaço e legitimidade em um cenário dominado por representações eurocêntricas.

A articulação entre essas narrativas ressalta a importância de revisitar figuras históricas negras sob perspectivas diversas, promovendo uma compreensão mais plural e humanizadora. Chica da Silva emerge, assim, não apenas como um símbolo de resistência e reinvenção, mas também como um exemplo da necessidade urgente de revisões críticas que desestabilizem as narrativas hegemônicas e ampliem o espaço para vozes historicamente silenciadas.

Por fim, este trabalho reforça a centralidade da literatura afro-feminina como instrumento de resistência e reconfiguração identitária. Ao desconstruir estereótipos e ressaltar a subjetividade das mulheres negras, essas produções contribuem para uma revisão do imaginário literário e histórico brasileiro, ampliando o alcance de suas contribuições para a sociedade. Espera-se que esta reflexão incentive novas pesquisas e debates que deem continuidade ao processo de resgate, valorização e visibilidade das narrativas negras femininas, garantindo-lhes o lugar de protagonismo que lhes foi negado ao longo da história.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea**. (Coleção Pensando África, Volume 7), Belo Horizonte: Nandyala, 2010.



BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Coleção: Linguagem e Cultura. Vol. 3. Editora Hucitec, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. — Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DIAS, Rafaela Kelsen. **Maternidade e segregação em Conceição Evaristo**. Revista Fórum Identidades. Itabaiana: Gepiadde, v. 20, jan./abr., p. 105-121, 2016.

DUARTE, Eduardo Assis. “Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade”. In: DUARTE, E.A; DUARTE, C.L; ALEXANDRE, M.M.(orgs). **Falas do outro: literatura gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA; 2010.p.24-37

EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In **Mulheres no Mundo: Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa: UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.

FURTADO, Júnia . **Pesquisa contesta mito de Chica da Silva**. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/1207/pesquisa-contesta-mito-de-chica-da-silva-1>. Acesso em 18 de nov. de 2024

FURTADO, Júnia Ferreira. **A História do Vale do Jequitinhonha**. Cadernos Do Leste, v. 8, n. 8, 2008.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GONZALES, Lélia. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

RIBEIRO, Joyce. **Chica da Silva – Romance de uma vida**. São Paulo: Planeta, 2016.

SANTOS, João Felício dos. **Xica da Silva**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do districto diamantino da comarca do Sêrro Frio**, Província de Minas Geraes, 1868.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulher e literatura: histórias de percurso. In: CAVALCANTI, Ildney et al. **Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades**. Maceió: UFAL, 2006.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Literatura de autoria feminina negra: (des) silenciamentos e ressignificações**. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista-BA, UESB, v.2, n.1, jan/jun/2010

Silva, F. C. da. **Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como disrupção do nacionalismo**. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (54), 245–275, 2018.



TELES, Lanna Moura Sá; ADI, Ashjan Sadique. **Hipersexualização das mulheres negras: aspectos sócio-históricos e a influência da mídia.** AVEF, 2020.

VIEIRA, Lia. **Chica da Silva – a mulher que inventou o mar.** Rio de Janeiro: OR Produtor Editorial Independente, 2001.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** LeBooks.com.br., 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad.: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WOOLF, Virgínia. **Mulheres e ficção.** São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2019.

Título em inglês

**MATERNAL NARRATIVES IN CHICA DA SILVA'S FEMALE AND
AFRO-BRAZILIAN PORTRAITS**